

GESTÃO DO CAPITAL DE GIRO: realidade e práticas de microempreendedores individuais, micro e pequenas empresas de Pouso Alegre/MG

Kaio Cézar de Deus Oliveira – d2021104539@unifei.edu.br
André Luiz Medeiros – andremedeiros@unifei.edu.br

Palavras-chave: capital de giro, micro e pequena empresa, microempreendedor individual, ciclo de conversão de caixa.

1. INTRODUÇÃO

O surgimento de pequenos empreendimentos no Brasil é expressivo, refletindo sua importância na economia nacional, na geração de empregos e no desenvolvimento local. Em 2024, 96,3% das novas empresas registradas no país foram pequenos negócios (SEBRAE, 2025). Em 2022, estas empresas foram responsáveis por 51,7% dos empregos formais e aproximadamente 27% PIB nacional (SEBRAE, 2025).

Apesar de sua importância econômica, esses negócios enfrentam uma alta taxa de mortalidade: cerca de 29% dos MEI encerram as atividades antes de completar cinco anos. As taxas para micro e pequenas empresas são 21,6% e 17%, respectivamente (SEBRAE, 2021).

A deficiência no gerenciamento do capital de giro (CG) é apontada como um dos principais motivos para o insucesso empresarial (SEBRAE, 2004). A má administração dos componentes do capital de giro afeta a liquidez e pode levar à insolvência ou ao encerramento precoce das atividades (Souza; Souza, 2011)

Nesse contexto, emerge a pergunta de pesquisa: Qual a relação entre o nível de conhecimento dos gestores de micro e pequenas empresas e a eficiência na gestão do capital de giro na cidade de Pouso Alegre-MG?

O objetivo geral do estudo é avaliar o nível de conhecimento dos gestores e microempreendedores individuais de Pouso Alegre-MG sobre a gestão do capital de giro e

sua relação com a eficiência operacional na conversão de caixa. Especificamente, pretende-se:

- Caracterizar o perfil socioeconômico dos gestores e o perfil organizacional das empresas.
- Mensurar o nível de conhecimento dos gestores quanto às boas práticas de gestão do capital de giro.
- Avaliar a eficiência operacional das empresas quanto à conversão de caixa.
- Verificar a relação entre o perfil dos gestores e o nível de conhecimento financeiro.
- Analisar a associação entre o nível de conhecimento e a eficiência na conversão de caixa.
- Propor ações de capacitação técnica voltadas à melhoria da gestão financeira dos pequenos negócios.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Referencial teórico

2.1.1 Microempreendedores, micro e pequenas empresas no contexto brasileiro

Não existe uma definição universal de porte empresarial. Funcionalmente, são empresas onde o proprietário atua como gerente e controla pessoalmente todo o negócio (Souza; Souza, 2011). No Brasil, a classificação pode ser feita pela receita bruta (Lei 123/2006) ou pelo número de funcionários (SEBRAE), conforme o Quadro 1.

Quadro 1 - Classificação de pequenos negócios

PORTE DA EMPRESA	LEI Nº 123 DE 14 DE DEZEMBRO DE 2006	SEBRAE	
		ATIVIDADE: COMÉRCIO E SERVIÇOS; AGROPECUÁRIA; SIUP	ATIVIDADE: INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO E CONSTRUÇÃO; EXTRAÇÃO MINERAL
MICROEMPREENDEDOR INDIVIDUAL	RECEITA BRUTA ANUAL ATÉ 81 MIL REAIS	-	-
MICRO EMPRESA	RECEITA BRUTA ANUAL ATÉ 360 MIL REAIS	ATÉ 9 EMPREGADOS	ATÉ 19 EMPREGADOS

PEQUENA EMPRESA	RECEITA BRUTA ANUAL ENTRE 360 MIL E 4,8 MILHÕES DE REAIS	DE 10 A 49 EMPREGADOS	DE 20 A 99 EMPREGADOS
-----------------	--	-----------------------	-----------------------

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Aspectos comuns na gestão financeira de pequenos negócios incluem informalidade, baixa qualidade gerencial e escassez de recursos (Leone, 1999). A má gestão financeira dos itens do capital de giro é ligada à alta taxa de mortalidade dessas empresas (Souza e Souza, 2011).

2.1.2 Capital de giro e a gestão de seus componentes

A gestão do CG envolve decisões gerenciais sobre os ativos circulantes (caixa e equivalente de caixa; contas a receber e estoques) e passivos circulantes (dívidas e obrigações de curto prazo) (Assaf Neto, 2014).

- Caixa e Equivalentes de Caixa: Ativos de liquidez imediata. Modelos para definir o valor ideal incluem: Modelo do caixa mínimo operacional, Modelo de Baumol e Modelo de Miller e Orr (Assaf Neto, 2014).
- Contas a Receber: A política de crédito deve incluir: análise de padrões de crédito, prazo, descontos por pagamento antecipado e políticas de cobrança (Assaf Neto, 2014). O modelo dos cinco Cs (caráter, condições, capacidade, capital e colateral) auxilia na avaliação de crédito.
- Estoques: A administração deve buscar satisfazer pedidos sem gerar custos desnecessários de manutenção e estocagem (Brigham; Houston; Silva, 1999). Modelos conhecidos são o sistema ABC e o modelo de lote econômico (EOQ) (Assaf Neto, 2014).
- Passivo Circulante: A gestão de dívidas de curto prazo requer a avaliação da relação risco/retorno antes de tomar crédito. Pequenos negócios enfrentam dificuldade na concessão de crédito, exigências de garantias e taxas de juros mais altas (Gitman, 2010)

2.1.3 Eficiência operacional e indicadores de desempenho do capital de giro

O acompanhamento de indicadores é necessário para mensurar a gestão do capital de giro. Os índices de liquidez (corrente, seca e imediata) são ferramentas importantes para apurar a situação monetária da empresa (Backsmann et al., 2022). A Necessidade de Capital de Giro (NCG) verifica o volume necessário para cumprir obrigações operacionais, sendo fundamental para análise financeira e estratégia (Matarazzo, 2010).

O ciclo de conversão de caixa (CCC) é um indicador para mensurar a qualidade da gestão do capital de giro, pois se refere ao tempo para converter contas a receber, estoques e contas a pagar em caixa, mostrando apenas o lado operacional da empresa, em contraste com outros índices puramente financeiros (Pratap, 2023).

2.1.4 Lacunas na literatura e justificativas do estudo

Santos e Siqueira (2020) realizaram pesquisa bibliográfica sobre o tema e evidenciaram que apesar da relevância global do tema, a literatura sobre capital de giro foca nas realidades locais. O tema é explorado marginalmente na área de finanças e o quesito mais estudado é a gestão do capital de giro e os fatores para uma gestão eficiente.

A literatura carece de trabalhos que associem o nível de conhecimento financeiro dos gestores e a eficiência operacional das empresas, então o presente estudo busca preencher essa lacuna e propor ações práticas de capacitação técnica com base em evidências locais.

2.2 Metodologia

A pesquisa é aplicada, com abordagem quantitativa e objetivos descritivos e exploratórios, desenvolvida por meio de um *survey* transversal.

O estudo estrutura-se em torno de três conjuntos de variáveis e analisa as suas relações:

1. Perfil do gestor: idade, escolaridade e área de formação;
2. Características da empresa: porte e tempo de existência;
3. Gestão financeira e desempenho operacional: nível de conhecimento na gestão do capital de giro e grau de eficiência operacional (CCC).

A amostra será intencional não probabilista com coleta realizada por questionário estruturado digital.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise quantitativa deve proporcionar evidências empíricas sobre a gestão do capital de giro em Pouso Alegre–MG. Espera-se que emergjam padrões de associação entre os três conjuntos de variáveis analisadas, com foco na eficiência medida pelo ciclo de conversão de caixa (CCC).

Os resultados esperados incluem:

- Correlação positiva entre escolaridade e conhecimento financeiro.
- Influência da formação e da experiência sobre as práticas financeiras.
- Associação entre porte e eficiência operacional.
- Relação entre conhecimento e eficiência.
- Identificação de lacunas de capacitação financeira.

A pesquisa espera contribuir para um modelo analítico replicável, baseado em indicadores objetivos, para fortalecer a base empírica da gestão financeira de curto prazo no Brasil.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relevância da pesquisa é justificada pela alta taxa de mortalidade dos pequenos negócios, impulsionada pela gestão ineficiente do capital de giro. Ao mensurar o nível de conhecimento dos gestores em Pouso Alegre-MG, o estudo contribui para o enriquecimento teórico e possui impacto social e prático. As restrições da pesquisa não comprometem a confiabilidade dos resultados, mas indicam limites de aplicabilidade e caminhos para aprimoramentos futuros.

AGRADECIMENTOS

O autor agradece o apoio da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI) e do Instituto de Engenharia de Produção e Gestão (IEPG). Um agradecimento especial é dedicado à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

REFERÊNCIAS

ASSAF NETO, A. **Finanças corporativas e valor**. n. 7ª Edição, 2014.

BACKSMANN, P. F. M.; BRITO, P. N. D.; ROBERTO, J. C. A.; CAVALCANTE, Z. P. A gestão do capital de giro como ferramenta para a manutenção da empresa. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Vol. 07: pp. 98-113 p. 2022.

BRIGHAM, E. F.; HOUSTON, J. F.; SILVA, M. I. C. **Fundamentos da moderna administração financeira**. Campus, 1999.

GITMAN, L. J. **Princípios de Administração Financeira**. 12ª ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

LEONE, N. As especificidades das pequenas e médias empresas. **Revista de administração**, 34, n. 2, p. 91-94, 1999.

MATARAZZO, D. C. **Análise Financeira de Balanços: abordagem básica e gerencial** São Paulo: Atlas 2010.

PRATAP, V. Working Capital Management: A Systematic Literature Review. **The Empirical Economics Letters**, 22, p. 61-93, 11/30 2023.

SANTOS, D. F. L. D.; SIQUEIRA, L. S. Capital de giro: uma revisão sistemática da literatura nacional e internacional. **Pensar Contábil**, 22, n. 77, 2020.

SEBRAE. **Fatores Condicionantes e Taxa de Mortalidade de Empresas**. Brasília: 1-29 p. 2004.

SEBRAE. **Apresentação Executiva – Sobrevivência de empresas**. Brasília 2021.

SEBRAE. **Abertura de pequenos negócios no Brasil – Ano de 2024**. Brasília 2025.

SOUZA, R. A.; SOUZA, A. A. D. Gestão do capital de giro em micro e pequenas empresas: estudo de casos em empresas do comércio varejista de Passos–mg. **FACEF Pesquisa-Desenvolvimento e Gestão**, 14, n. 1, 2011.